



Operação “Verão” Marinha intensifica ações de Inspeção Naval



Enchentes no Rio de Janeiro: os desafios
da Marinha em Nova Friburgo

p.4

“ASPIRANTEX 2011”

p.18

Haiti - um ano após
o terremoto

p.29

RIO 2011

5º JOGOS MUNDIAIS MILITARES DO CISM



**O maior evento esportivo
militar já realizado no Brasil**

16 a 24 de julho





Chegamos à 4ª edição da **Marinha em Revista** comemorando um ano da sua criação. Nesse período, a Comunicação Social na Marinha passou a utilizar algumas novas ferramentas, como a “TV Marinha na Web”, a Rádio Marinha e as redes sociais facebook, flickr, twitter e youtube.

Em meio às comemorações dos 50 anos da Comunicação Social na Marinha, completados no dia 5 de abril deste ano, lançamos a nova edição da revista que apresenta, como matéria de capa, as atividades desenvolvidas pela Marinha do Brasil durante a Operação “Verão”, que ocorre em todo o Brasil, com a finalidade de orientar e educar os condutores de embarcações, principalmente as de esporte e recreio.

A revista também conta com uma reportagem especial, produzida pelo Centro de Comunicação Social da Marinha, sobre a situação do Haiti e das tropas de fuzileiros navais, um ano após o terremoto ocorrido no país. Outras matérias de destaque são: os apoios prestados pela Marinha ao Governo do Estado do Rio de Janeiro, por ocasião da pacificação do Complexo do Alemão e das enchentes ocorridas na Região Serrana do Estado; a Operação “ASPIRANTEX 2011”, em que os Aspirantes da Escola Naval embarcam em meios da Esquadra com a finalidade de aprofundarem os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de estudo na mais antiga instituição de ensino superior do Brasil; as atividades do Comando da Força de Minagem e Varredura, neste ano que completa 50 anos de existência; e o 1º Torneio Internacional de Pentatlo Naval, realizado no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN).

Apresenta, ainda, entrevista com o Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha, sobre os 50 anos da Comunicação Social na Força; na editoria Gente de Bordo, o ponto de vista da primeira Oficial paraquedista militar, a Capitão-de-Corveta (Md) Fátima Teresinha Luz Vieira; e, na coluna História Naval, uma matéria sobre dois conjuntos arquivísticos da Marinha que foram nominados na UNESCO para o Registro Nacional da Memória do Mundo.

Graças a boa receptividade de nossos leitores e ao grande incentivo que recebemos de diversos segmentos de nossa sociedade, esse número terá sua tiragem ampliada para 40 mil exemplares, buscando aumentar, ainda mais, a abrangência da divulgação das atividades de nossa Força. Uma boa leitura a todos!

Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto
Comandante da Marinha



Marinha em Revista é um periódico da Marinha do Brasil, elaborado pelo Centro de Comunicação Social da Marinha.

Comandante da Marinha
Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto

Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha
Contra-Almirante Paulo Mauricio Farias Alves

Vice-Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Mar-e-Guerra Eduardo Machado Vazquez

Assessor de Produção e Divulgação do
Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Fragata Rogerio da Rocha Carneiro Bastos

Assessor-Adjunto de Produção e Divulgação do
Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Corveta Marcus Teixeira da Silva

Jornalista responsável
Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme

Organização do material editorial
Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme
Primeiro-Tenente (RM2-T) Juliana de Campos Echeverria

Revisão
Capitão-de-Fragata Rogerio da Rocha Carneiro Bastos

Projeto editorial
Centro de Comunicação Social da Marinha

TDA Brasil
www.tdabrasil.com.br
Projeto gráfico: **João Filipe de Souza Campello**
Direção de arte e diagramação: **Rael Lamarques**



Fotografias
Arquivos da Marinha do Brasil e colaboradores

Foto da capa
Terceiro-Sargento (MR) Elinaldo Sales Trindade

Tiragem
40.000 exemplares

Impressão e distribuição
Helo Gráfica e Editora LTDA

Centro de Comunicação Social da Marinha

Esplanada dos Ministérios, Bl. N,
Anexo A, 3º andar
Brasília • DF • CEP 70055-900
Telefone (61) 3429-1831
Brasília, abril de 2011.
www.mar.mil.br
faleconosco@ccsm.mar.mil.br



OPERAÇÃO “VERÃO” MARINHA INTENSIFICA AÇÕES DE INSPEÇÃO NAVAL

22

Tarefas especiais		
Enchentes no Rio de Janeiro: os desafios da Marinha em Nova Friburgo	4	
Em busca da pacificação	8	
Operações		
Homens de ferro em navios de madeira	14	
Carreira Naval		
“ASPIRANTEX 2011”	18	
Reportagem		
Haiti – um ano após o terremoto	29	
Esportes		
Instalações aprovadas		34
Gente de Bordo		
Capitão-de-Corveta (Md)		
Fátima Teresinha Luz Vieira		38
Entrevista		
Contra-Almirante Paulo Mauricio Farias Alves		40
Artigo		
Navio de Assistência Hospitalar “Soares de Meirelles”		42
História Naval		
Conjuntos Arquivísticos nominados na UNESCO		43

Enchentes no Rio de Janeiro: os desafios da Marinha em Nova Friburgo

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Fayga Cruz Soares Pinto e Primeiro-Tenente (RM2-T) Karla Nayra Fernandes Pereira
Fotos: Comando do 1º Distrito Naval / Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra

Médicos, enfermeiros, farmacêuticos e fuzileiros navais.

Uma tropa unida e preparada para ajudar pessoas atingidas pela mesma fatalidade. A tragédia castigou uma das regiões mais belas do Rio de Janeiro. Naquele momento, militares da Marinha do Brasil levaram um pouco de alívio à população.

A previsão meteorológica em janeiro indicava fortes chuvas para a Região Serrana fluminense, mas o que não se imaginava era que os estragos seriam tão grandes. Segundo dados da Defesa Civil, o grande volume de águas deixou quase 35 mil pessoas desabrigadas. Petrópolis,



Teresópolis e Nova Friburgo foram os municípios mais devastados com as inundações e os deslizamentos de encostas que destruíram casas, levaram pessoas e arrasaram áreas de lavoura.

As enchentes começaram na madrugada do dia 11 de janeiro de 2011. O desenho de uma região desolada

e devastada pela tragédia retratava o desespero coletivo da população local. Nova Friburgo transformou-se em um verdadeiro cenário de guerra.

A PARTICIPAÇÃO DA MARINHA

No dia seguinte, o Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra

(ComFFE) mobilizou o primeiro destacamento de militares para a cidade. Dois dias depois dos deslizamentos, o Hospital de Campanha da Marinha (HCamp) começou a ser montado na Prefeitura da cidade de Nova Friburgo, com capacidade para atender cerca de 400 pacientes por dia. Mesmo



Militar da Marinha realiza atendimento médico no HCamp

antes da abertura oficial do hospital, profissionais da saúde começaram a trabalhar, realizando atendimentos de emergência. Durante os 11 dias de funcionamento, a Marinha do Brasil contabilizou mais de 2200 atendimentos.

Assim que foi iniciada a operação de apoio, a Força de Fuzileiros da Esquadra organizou a saída dos comboios da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro levou seis médicos da Unidade Médica Expedicionária da Marinha (UMEM) e cerca de 15 viaturas. Nele, estavam, também, o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) e 35 militares do Grupamento de Segurança.

Com um posto já estabelecido, os militares se estruturaram para receber reforço. A ajuda veio, inclusive, de profissionais de saúde e civis, que chegavam a todo momento, voluntariando-se

para atuar no HCamp e, também, de moradores da região que, por iniciativa própria, ofereciam-se para guiar os comboios da Marinha. A capacidade de operar em situações de emergência possibilitou aos militares concluírem a montagem do HCamp rapidamente. No dia 14 de janeiro, o Hospital abriu as portas a plena carga suprindo a demanda por serviços de saúde. Médicos e fuzileiros navais trabalharam juntos por uma mesma causa: ajudar os cidadãos de Nova Friburgo a restabelecerem suas vidas.

Durante a permanência da Marinha do Brasil na região, comboios com viaturas de fuzileiros navais levavam, duas vezes ao dia, suprimentos às áreas de difícil acesso, onde carros de passeio não conseguiam chegar. A devastação deixou milhares de pessoas isoladas,

em locais onde, muitas vezes, a ajuda humanitária não chegava por terra. Assim, a Marinha empregou, também, dois tipos de aeronaves no apoio logístico: um helicóptero UH-14 “Super Puma” e dois UH-12 “Esquilo”. As aeronaves transportaram, principalmente, as equipes de resgate do Corpo de Bombeiros e da Defesa Civil.

Em uma das saídas para levar mantimentos a uma região conhecida como Alto Floresta, diversos obstáculos estavam espalhados pelo chão. A grande quantidade de lama, que facilmente atolaria um carro comum, não impediu que os caminhões “UNIMOG” da Marinha chegassem até lá. Os caminhões possuem um recurso que permite o controle da calibragem dos pneus, fazendo com que eles tenham mais aderência ao solo.

A POPULAÇÃO E OS MILITARES

A relação entre a população e os militares da Marinha era de amizade e admiração. “Nós sabemos que os militares não querem nada em troca, eles estão aqui para cumprir a missão”, declarou o morador Carlos Antônio da Silveira, voluntário que acompanhou e ajudou as vítimas desde o início dos alagamentos.



Hospital de Campanha da Marinha do Brasil

“Nós sabemos que os militares não querem nada em troca, eles estão aqui para cumprir a missão”.
Morador Carlos Antônio da Silveira

“A Medicina Operativa da Marinha do Brasil está **escrevendo uma importante história, no momento em que realiza atendimentos em situações de grandes catástrofes”.**

Diretor do HCamp de Nova Friburgo, Capitão-de-Fragata (Md) Carlos Eduardo Ferreira de Mesquita

Durante as distribuições de doativos, que chegavam à região vindos de todo o Brasil, havia um controle rigoroso para que nenhum material fosse desperdiçado. Desse modo, o Comandante do GptOpFuzNav, Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN) Yerson de Oliveira Neto, acompanhava, periodicamente, as ações de distribuição. Para ele, era importante saber se as tarefas estavam sendo cumpridas com eficácia. “Eu queria identificar se as ações que estávamos executando estavam ocorrendo como planejamos: chegando longe do centro da cidade, ou seja, nos locais onde realmente precisavam”, explicou.

PRONTOS PARA O PIOR: A ATUAÇÃO DA MEDICINA OPERATIVA

“A Medicina Operativa da Marinha do Brasil está escrevendo uma importante história, no momento em que realiza atendimentos em situações de grandes catástrofes. A capacidade de mobilização nessas situações é um marco e está se tornando referência”. A avaliação é do Diretor do HCamp de Nova Friburgo, Capitão-de-Fragata (Md) Carlos



Distribuição de doações à população

Eduardo Ferreira de Mesquita, médico que já esteve no Haiti e no Chile, quando a Marinha se mobilizou por ocasião dos terremotos ocorridos no ano passado.

Para ele, a Medicina Operativa da Marinha é tão bem adestrada que as situações de dificuldades não o surpreendem, são condições normais de trabalho. “Não é a primeira nem a segunda vez que atuamos em catástrofes. A Medicina Operativa da

Marinha já possui um histórico considerável de adestramentos. Estamos sempre prontos para o pior”.

Desde o momento em que se é convocado para uma operação como essa, até a mobilização das equipes, o que ocorre é uma verdadeira corrida contra o tempo. O médico revela que ele foi chamado às 9h30 do dia 12 de janeiro e no dia seguinte já estava em Nova Friburgo com o comboio que levou o primeiro destacamento de pessoal.

Ao fazer uma comparação entre o terremoto ocorrido no Chile, no ano passado, e as enchentes em Nova Friburgo, o Capitão-de-Fragata (Md) Carlos revela que o impacto foi muito maior na Região Serrana do Rio. “Aqui, o nível de desespero das pessoas foi muito maior. Além do serviço para o qual estamos capacitados, nós acabamos dando um apoio psicológico. Em anos de carreira militar, nunca vi nada parecido com o que aconteceu nessa região”, declarou 



Vítima das enchentes é atendida por militares da Marinha no HCamp

Em busca da pacificação

Tropas de fuzileiros navais apoiam o Governo do Estado do Rio de Janeiro em ações de pacificação na cidade

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Fayga Cruz Soares Pinto
Fotos: Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra



“A Marinha não atuou diretamente no combate às ações violentas dos criminosos e sim prestando apoio logístico de transporte à Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), para dar mobilidade e proteção blindada a ela”. A frase do Comandante do Batalhão Logístico de Fuzileiros Navais (BtlLogFuzNav), que atuou na Operação “Rio 2010”, Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN) Carlos Chagas Vianna Braga, é um retrato da atuação da Marinha do Brasil durante a retomada de algumas comunidades da capital fluminense das mãos do crime organizado.

Em 24 de novembro de 2010, o Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, solicitou, por intermédio do Ministério da Defesa, o apoio da Marinha do Brasil para conter uma série de ataques criminosos que a cidade vinha sofrendo. O propósito foi utilizar, temporariamente, o material logístico e de transporte da Força no apoio às polícias civil e militar.



Após a pacificação, fuzileiros navais levam a imprensa ao topo da comunidade

Em menos de 12 horas após o pedido do Governador, 130 fuzileiros navais e blindados do Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE) entraram em ação na operação que teve como objetivos a Vila Cruzeiro e o Complexo do Alemão. No dia 25

de novembro, os blindados da Marinha entraram nas estreitas ruas da Vila Cruzeiro, possibilitando a retomada da comunidade pela Polícia Militar.

No domingo (28), uma ação parecida aconteceu, mas desta vez no Complexo do Alemão, quando um dos lugares mais



Fuzileiros navais e militares do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) da PMERJ definem a estratégia da operação



perigosos da cidade do Rio de Janeiro foi retomado e ocupado pela polícia, que hasteou as bandeiras do Brasil e do Estado do Rio de Janeiro, simbolizando o retorno da presença e do controle do Estado na comunidade.

TRANSPONDO OBSTÁCULOS

Para essa operação, a Marinha disponibilizou 15 blindados operacionais, sendo seis Viaturas Blindadas sobre Lagartas (M-113), cinco Viaturas

Blindadas sobre Rodas “Piranha III” e quatro Carros Lagarta-Anfibios (CLAnf), além de duas Viaturas Blindadas de Socorro, de carretas, caminhões e viaturas leves.

As barricadas usadas pelos traficantes foram facilmente transpostas pelos blindados da Marinha do Brasil, que possuem mecanismos de tração rolando em cima de uma esteira de aço.

A blindagem dos carros facilitou a proteção das tropas. De acordo com o

Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN) Carlos Chagas “a Marinha atuou dentro da estratégia traçada pela Polícia Militar. Todo apoio foi realizado por meio de viaturas blindadas e equipamentos, como óculos de visão noturna”. Fato vivenciado por um policial do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), segundo ele, sem os blindados da Marinha seria impossível vencer os obstáculos: “Muitas vezes demoramos horas ou até mesmo dias para avançar alguns

“A Marinha atuou dentro da estratégia traçada pela Polícia Militar. Todo apoio foi realizado por meio de viaturas blindadas e equipamentos, como óculos de visão noturna”. Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN) Carlos Chagas



CMG (FN) Carlos Chagas concede entrevista à apresentadora Ana Maria Braga

“O reforço de apoio logístico com transportes, viaturas e equipamentos foi importantíssimo para o combate a esses criminosos, sobretudo em algumas regiões, como a Vila Cruzeiro”.

Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho

Após a retomada dos territórios, antes ocupado por traficantes, a rotina dos moradores, que viveram décadas sob a opressão do crime organizado, foi alterada pela presença dos militares, quando os trabalhos sociais e serviços públicos voltaram a ser realizados. Entre eles, atividades básicas como o recapeamento do asfalto, recolhimento de lixo, conserto da rede elétrica e obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

metros. Os blindados foram importantes. Em 20 minutos estávamos no topo do morro”, afirmou. Também participaram da operação efetivos da Polícia Federal e da Polícia Civil.

O Governador Sérgio Cabral falou sobre os resultados positivos da operação. “A minha solicitação ao Ministro Nelson Jobim e ao Presidente Lula foi prontamente atendida, o que permitiu

o êxito das nossas operações”. Ainda, segundo ele, a articulação bem trabalhada entre a Marinha do Brasil e a PMERJ foi fundamental para o sucesso das ações. “O reforço de apoio logístico com transportes, viaturas e equipamentos foi importantíssimo para o combate a esses criminosos, sobretudo em algumas regiões, como a Vila Cruzeiro”.

O “M-113”, veículo movido sobre esteiras, capaz de se movimentar em qualquer tipo de terreno, é um dos mais usados em áreas de conflitos. Ele pesa 10,5 toneladas, possui como arma principal uma metralhadora 12,5 milímetros e carrega 11 militares armados e equipados, além de dois tripulantes.

O “M-113” foi empregado nos primeiros momentos devido a sua grande capacidade de apoiar com mobilidade e proteção blindada.





Elementos do BOPE em blindado da Marinha

O Ministro da Defesa, Nelson Jobim, afirmou que a mudança de paradigma que vem ocorrendo foi fundamental para o sucesso da operação. “Fica muito claro que estamos numa mudança de paradigma no que diz respeito às relações entre o Ministério da Defesa e os governos estaduais. E, também, uma mudança de paradigma nas relações entre as forças militares federais com a força civil do Ministério da Justiça, que é a Polícia Federal, junto com as forças militares e civis dos Estados federados”, defendeu.

Grande parte do efetivo do Corpo de Fuzileiros Navais enviado para a Operação “Rio 2010” já possuía conhecimento adquirido em missões no Haiti, onde as tropas atuam em conjunto com forças de segurança locais e internacionais, o que facilitou o trabalho no Rio de Janeiro.

SÃO CARLOS, MINEIRA E ADJACÊNCIAS

No dia 6 de fevereiro de 2011, a Marinha do Brasil prestou, novamente, apoio logístico de transporte blindado ao BOPE e ao Batalhão de Polícia de Choque da Polícia Militar (BPChq) na

“Fica muito claro que estamos numa mudança de paradigma”.
Ministro da Defesa,
Nelson Jobim

ocupação das comunidades do Complexo de São Carlos, Mineira e adjacências, na operação denominada “Rio II”. Na ocasião, foi ativado um Grupo Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav-RIO II), envolvendo 150 militares e 17 viaturas blindadas pertencentes à FFE 



O Carro Lagarta-Anfíbio (CLAnf) pesa 22 toneladas, permite o desembarque da tropa do mar para a terra e trafega tanto em mar quanto em terra com muita facilidade. Pode transportar até 22 militares armados e equipados com uma guarnição de três tripulantes.



O veículo sobre rodas “Piranha III” é de fabricação suíça (empresa Mowag), tem grande capacidade de mobilidade, levando até 11 militares mais dois tripulantes. É a mesma viatura atualmente utilizada pelas tropas de fuzileiros navais no Haiti.



Homens de ferro em navios de madeira

Conheça um pouco das atividades de Minagem e Varredura, de fundamental importância para a proteção de nossa Esquadra

Por Capitão-de-Fragata Rogerio da Rocha Carneiro Bastos e
Primeiro-Tenente (RM2-T) Karla Nayra Fernandes Pereira
Fotos: Antonio Netto





“A simples disseminação de que um país tenha plantado uma mina obriga o oponente a realizar operações de contramedida de minagem, interditando o fluxo marítimo na área”.

Comandante da Força de Minagem e Varredura, Capitão-de-Fragata Claudio da Costa Reis de Sousa Freitas

Ao embarcarmos em um Navio-Varredor (NV), logo percebemos que se trata de um navio diferente. Primeiramente, pelos inúmeros equipamentos de cores distintas dispostos em seu convés. Ao cruzarmos a prancha, do cais para bordo, observamos que toda a estrutura é de madeira: casco, convés, anteparas, quilha e cavernas. Essas características são inerentes ao tipo de tarefa que o navio desempenha.

A atividade de um varredor requer que o mesmo atenda a requisitos muito rigorosos quanto ao magnetismo e ruídos emitidos, a fim de evitar que a passagem do mesmo sobre uma mina de influência acústica ou magnética cause o acionamento do artefato. Para que a unidade seja protegida, toda a estrutura é feita em madeira e, sempre que possível, os equipamentos metálicos são amagnéticos. Seus eixos, hélices, lemes, ferro e amarra são fabricados em aço inox; seus balaústres, em bronze; e seus equipamentos de varredura, em fibra de vidro e alumínio.

No caso dos motores de combustão e máquinas auxiliares, que só são fabricados em materiais magnéticos, antes de serem instalados a bordo, passam por um processo de desmagnetização realizado na Base Naval de Aratu (BNA), em Salvador.

Discreto, esse tipo de navio realiza ações de contramedida de minagem, ou seja, varre áreas que possam ter

sido minadas pelo inimigo, fazendo com que as minas marítimas sejam neutralizadas ou destruídas.

A Força de Minagem e Varredura está sediada na BNA. O lema “Onde a Esquadra for, nós estivemos” exprime a tarefa desses meios que é proteger os navios da Esquadra. Em uma área em que há suspeita da presença de minas, os navios da Esquadra só podem passar depois dos Navios-Varredores, pois são eles que vão eliminar as minas que possam ameaçar os navios de grande porte.

Segundo o Comandante da Força de Minagem e Varredura, Capitão-de-Fragata Claudio da Costa Reis de Sousa Freitas, uma única mina pode parar o tráfego marítimo em uma área. “A simples disseminação de que um país tenha plantado uma mina obriga o oponente a realizar operações de contramedida de minagem, interditando o fluxo marítimo na área”, explicou.

“HOMENS DE FERRO EM NAVIOS DE MADEIRA”

Ao fazer-se ao mar, o característico ranger do madeirante faz do Navio-Varredor uma paixão para quem nele serve. As fainas marinheiras realizadas a bordo exigem grande empenho, esforço e atenção da tripulação. Daí a expressão “homens de ferro em navios de madeira”. Ela reflete a dificuldade e a peculiaridade do trabalho desses militares.



As manobras com cabos de aço e equipamentos de varredura, alguns chegando a pesar mais de uma tonelada, aliadas ao jogo do navio ao sabor do mar, tornam o dia a dia de bordo extremamente desgastante. Mesmo o Comandante que, nessa classe de navios, acompanha toda a manobra do tijupá – convés mais alto do navio –, fica sujeito às variações climáticas, pois a área é coberta, em parte, apenas por um toldo.

De acordo com o Comandante do Navio-Varredor “Araçatuba”,

Capitão-Tenente Ricardo do Nascimento Leira, para executar as operações de minagem e varredura é preciso muita atenção. “Essa é uma atividade que envolve muitos detalhes e equipamentos pesados. Para que a manobra seja executada com perfeição, é necessário o máximo de atenção”.

A ATIVIDADE DE VARREDURA

Em meio aos inúmeros equipamentos dispostos em berços pelo convés principal, as cores diferenciam as

“Essa é uma atividade que envolve muitos detalhes e equipamentos pesados. Para que a manobra seja executada com perfeição, é necessário o máximo de atenção”.

Comandante do Navio-Varredor “Araçatuba”, Capitão-Tenente Ricardo do Nascimento Leira

características e empregos dos mesmos. Cada tipo de varredura faz uso de diferentes itens que são responsáveis pela eficiência e eficácia da limpeza de um campo minado.

Existem três tipos de varredura: mecânica, acústica e magnética. Na varredura mecânica, peças conhecidas como tesouras, presas a dois cabos de aço, são lançadas ao mar, associadas a dispositivos que garantem a flutuabilidade, abertura e profundidade da varredura. Dessa forma, no momento em que as tesouras passam pela mina, elas cortam o cabo que a prende ao fundo, fazendo com que a mesma



Recolhimento de boia de demarcação de canal varrido

FORÇA DE MINAGEM E VARREDURA COMPLETA 50 ANOS

Em 2011, a Força de Minagem e Varredura completa 50 anos. Criada em 1961, inicialmente subordinada ao Comando do Primeiro Distrito Naval, contava com os Navios-Varredores “Javari” (M-11) e “Jutai” (M-12), então recebidos da Marinha norte-americana. Dois anos depois, passou à subordinação da Esquadra, contando também, com os Navios-Varredores “Juruá” (M-13) e “Jurueña” (M-14) e com os Navios-Patrolha “Piranha”, “Piraquê” e “Pirapiá”. Em 1967, passou a chamar-se Esquadrão de Minagem e Varredura.

Em meados dos anos 70, a Marinha decidiu renovar as unidades do Esquadrão, encomendando a construção de seis novos Navios-Varredores à Alemanha. Entre 1971 e 1972, foram recebidos os quatro primeiros, batizados com os nomes de “Aratu” (M-15), “Anhatomirim” (M-16), “Atalaia” (M-17) e “Araçatuba” (M-18). Em fevereiro de 1976, chegaram os dois últimos, “Abrolhos” (M-19) e “Albardão” (M-20).

Em 1977, foi alterada sua denominação para Força de Minagem e Varredura.



venha à superfície, ficando visível para que seja destruída.

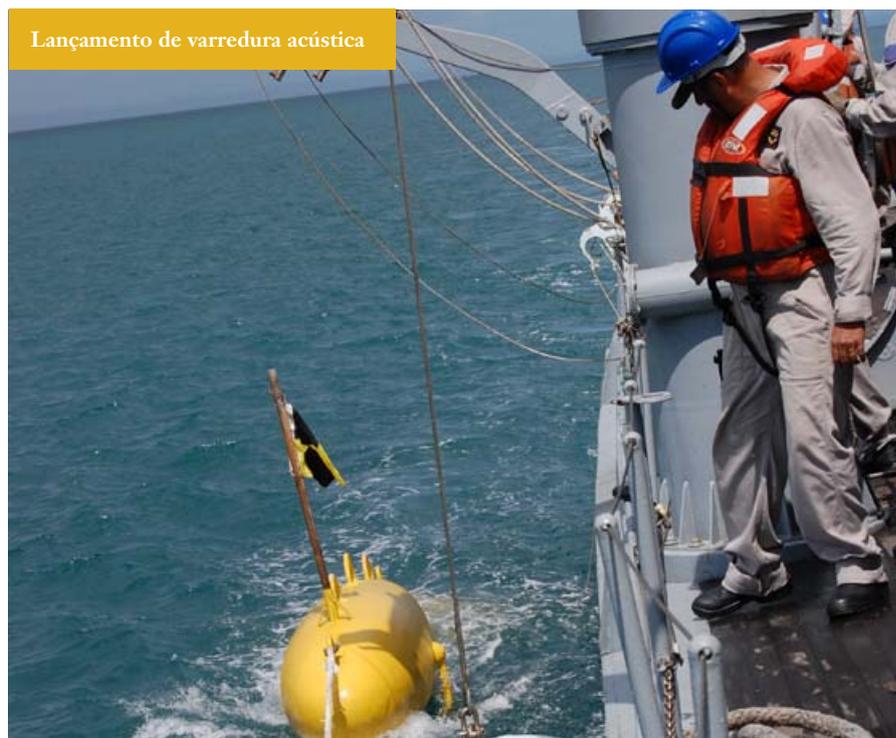
Na varredura acústica, um equipamento denominado martelo simula a assinatura acústica de um determinado navio, ou seja, o ruído por ele produzido. A mina capta o som emitido, correlacionando-o com o som real de um navio, sensibilizando, assim, seu dispositivo de acionamento e detonação.

Na varredura magnética, por sua vez, é empregado um equipamento conhecido como cauda magnética, ou um outro dispositivo rebocado, conhecido pela sigla HFG, que igualmente simulam o campo magnético de um navio específico.

Com isso, a mina percebe o campo magnético gerado e, da mesma forma, é ativada e detonada. Existe, ainda, a varredura combinada, que consiste no emprego simultâneo de duas das variações descritas acima.

ASSINATURAS ACÚSTICA E MAGNÉTICA

A terminologia assinatura refere-se a um conjunto único de características que individualiza cada navio, tal qual



Lançamento de varredura acústica

uma assinatura pessoal, ou mesmo uma impressão digital.

Para que se possa proteger as unidades navais de minas de influência acústica e magnética, faz-se necessário conhecer suas assinaturas. Para isso, a Marinha possui raias especialmente montadas para

captar, com precisão, essas emissões de cada navio.

Os dados coletados são utilizados pelos armários de regulação dos Navios-Varredores - equipamentos responsáveis pela reprodução dessas assinaturas no pulsar dos martelos acústicos, cauda magnética e HFG ⚓



“ASPIRANTEX 2011”

Preparando os futuros Oficiais da Marinha do Brasil

Por Capitão-de-Corveta (T) Carla Cristina Daniel Bastos de Pointis
Fotos: Suboficial (CN) Edson Tenório Silva e Primeiro-Sargento (CP)
Edmilson Coelho Auto

A Marinha do Brasil realiza, anualmente, a Operação “ASPIRANTEX” com o propósito de orientar os futuros Oficiais na cuidadosa tarefa de escolherem a carreira que desejam seguir dentro da Força. Embarcados nos navios da Esquadra, 253 Aspirantes da Escola Naval (EN) partiram da Base Naval do Rio de Janeiro (BNRJ), no dia 7 de janeiro de 2011, a bordo dos navios componentes do Grupo-Tarefa (GT), para acompanhar e participar de exercícios no mar.

Até o final da viagem, fruto das experiências e dos ensinamentos colhidos, os 170 Aspirantes do segundo ano puderam optar por um dos três Corpos: Armada, Fuzileiros Navais ou Intendentes da Marinha. Os Aspirantes do terceiro ano da Armada aproveitaram para aprofundar os conhecimentos acerca de suas Habilitações: Eletrônica, Mecânica ou Sistema de Armas e ratificar suas



“Os efeitos desejados em relação à ‘ASPIRANTEX’ são que ela seja um fator decisivo para os Aspirantes do segundo ano fazerem suas escolhas; e que contribua de forma plena no aprimoramento e no preparo dos Aspirantes do terceiro ano”.

Contra-Almirante Wagner Lopes de Moraes Zamith

e um UH-13 “Esquilo” e um UH-14 “Super Puma”. Segundo o Comandante do GT, Contra-Almirante Wagner Lopes de Moraes Zamith, “os efeitos desejados em relação à “ASPIRANTEX” são que ela seja um fator decisivo para os Aspirantes do segundo ano fazerem suas escolhas; e que contribua de forma plena no aprimoramento e no preparo dos Aspirantes do terceiro ano”.

No decorrer da operação, constituída de três fases de mar, também foram empregadas aeronaves de asa fixa AF-1 “Skyhawk”, da Marinha do Brasil; meios navais distritais; e aeronaves da Força Aérea Brasileira, como figurativos inimigos e em apoio ao adestramento; e os Submarinos “Tamoi” (S31) e “Timbira” (S32), que participaram dos exercícios de trânsito em área com ameaça submarina.

EXERCÍCIOS NAVAIS

O GT partiu rumo ao Sul do País e, posteriormente, foi dividido em duas Unidades-Tarefa (UT), uma que demandou Buenos Aires (Argentina) e outra, Montevideú (Uruguai). Logo ao sair da BNRJ, foi feita uma

escolhas, como foi o caso do Aspirante Leonardo Vaz que afirmou: “Ao longo desses dois anos de Escola Naval, tive contato com assuntos relativos ao Corpo de Intendentes da Marinha e ao Corpo de Fuzileiros Navais, mas optei pelo Corpo da Armada. Essa participação na “ASPIRANTEX” só está reafirmando a minha escolha”.

A comissão, que visou também aprimorar o adestramento das tripulações

dos meios da Esquadra na execução das manobras marinheiras, foi composta pelas Fragatas “Niterói” (F40) - Navio Capitânia -, “Constituição” (F42) e “Bosisio” (F48); o Navio de Desembarque de Carros de Combate “Almirante Saboia” (G25); o Navio-Tanque “Almirante Gastão Motta” (G23); e a Corveta “Frontin” (V33). Como aeronaves orgânicas, participaram dois AH-11A “Super Lynx”, um UH-12

desatracção sob ameaça assimétrica, assunto amplamente estudado entre as principais Marinhas do mundo. Na ocasião, lanchas da Capitania dos Portos do Rio de Janeiro e outras embarcações descaracterizadas simularam um ataque aos navios do GT. A reação dos meios e dos militares engajados na operação mostrou a importância do preparo e da prontidão desde o suspender.

Entre os Aspirantes, principalmente os do segundo ano, o clima foi de muita vibração, pois eles não esperavam participar de exercícios com o realismo de uma situação de combate, conforme afirmou o Aspirante Renato Silvino da Costa Teixeira: “Nós chegamos aqui, recebemos a programação, mas não sabíamos o que iria acontecer realmente. Está sendo uma grande experiência e, sem dúvida, será decisivo para a escolha da minha carreira”.

No decorrer da comissão, foram realizadas manobras táticas que incluíram manutenção dos navios em formatura, alteração de postos e interpretação de sinais táticos e bandeiras. Essas tarefas fazem parte do preparo dos Oficiais que concorrem ao serviço no Passadiço, no Centro de Operações de Combate (COC) e no Centro de Informações de Combate (CIC). Outro exercício enriquecedor e que requereu muita atenção dos Aspirantes foi o trânsito sob ameaça aérea. Nesse caso, o GT foi ameaçado pelas aeronaves de asa fixa AF-1 da Marinha do Brasil, que realizaram sobrevoos rasantes sobre os navios, simulando os ataques. Para se protegerem, os navios mudaram seus postos na formatura e prepararam seus armamentos para engajarem contra as aeronaves hostis.

A bordo do NDCC “Almirante Saboia” (G25) - meio onde embarcou a maior parte dos Aspirantes -, estes



Formatura de Aspirantes e tripulação do navio no convoo do NDCC “Almirante Saboia”

puderam observar manobras de “leap frog” (posicionamento lateral de dois navios em movimento), seguido de “light-line” (passagem de um cabo de distância entre dois navios) e transferência de carga leve, com troca de material entre um navio e outro. Problemas de batalha e exercícios típicos de combate foram conduzidos de forma inopinada, por determinação do Comandante do GT, com o propósito

de avaliar o grau de adestramento dos meios e do pessoal e explorar ao máximo as opções de observação de exercícios que são oferecidas aos Aspirantes.

A primeira fase de mar da “ASPIRANTEX” estendeu-se até o dia 13 de janeiro, quando os navios atracaram em seus portos de destino e ficaram abertos à visitação pública. Para os Aspirantes, esse também foi um período de aprendizado. Eles

“Está sendo uma grande experiência e, sem dúvida, será decisivo para a escolha da minha carreira”.

Aspirante Renato Silvino da Costa Teixeira



Aspirantes recebem adestramento durante a “ASPIRANTEX”



se revezaram no acompanhamento das visitas, o que lhes permitiu travar contato com a população local e partilhar da experiência de apresentar o navio e representar o Brasil em um país estrangeiro.

No dia 17 de janeiro, o GT iniciou o regresso ao Brasil. A UT de Buenos Aires partiu para Rio Grande (RS) e a de Montevideu para Itajaí (SC), dando início, assim, à 2ª fase de mar da comissão, finalizada no dia 21 com a atracação dos navios nas respectivas cidades.

AÇÕES CÍVICO-SOCIAIS E VISITAÇÃO PÚBLICA

A recepção nos portos nacionais foi bastante calorosa. Em Rio Grande, o GT foi saudado com uma apresentação de danças folclóricas e, em apenas dois dias, cerca de 2 mil pessoas visitaram as instalações dos navios, com o acompanhamento dos Aspirantes.

Seguindo as tradições navais, toda vez que uma operação de grande

monta é realizada, aproveita-se a oportunidade para realizar Ações Cívico-Sociais (ACISO). Na ocasião, foi realizada doação voluntária de sangue e de itens de vestuário. Em cerimônia oficial, no convoo do NDCC “Almirante Saboia”, foi assinado o termo de doação do material que foi entregue ao Secretário de Ação Social e Cidadania do Município de Rio Grande, Leonardo Salum. O Secretário, ao conceder entrevista às emissoras de televisão da região e à TV Marinha na web, emocionou-se ao falar do apreço que sente pela Marinha do Brasil. “Reconheço o grande compromisso social da Instituição com seu povo”, disse.

Essa percepção da interação que a Marinha possui com a sociedade também pôde ser observada pelos Aspirantes que tiveram oportunidade de participar da ACISO, conforme falou o Aspirante Millôr de Borborema Espírito Santo. “A ACISO foi de extrema importância na nossa formação, mostrando que a Marinha não se preocupa somente com a defesa do território nacional, mas também em ajudar a população do Brasil”.

“Os Oficiais se empenharam ao máximo para mostrar o melhor dos navios e da Marinha no mar”.

Contra-Almirante Zamith

AVALIAÇÃO DA OPERAÇÃO

A “ASPIRANTEX 2011” foi finalizada no dia 28 de janeiro, após completar sua 3ª fase de mar, perfazendo um total de 21 dias. O Contra-Almirante Zamith concluiu, no balanço final da comissão, que ela atingiu plenamente os efeitos desejados que nortearam o seu planejamento, tanto em relação ao adestramento dos meios, quanto ao do pessoal envolvido, que ele estima em, aproximadamente, 1.800 militares.

Em relação ao mote principal da operação - o preparo dos Aspirantes -, ele afirmou estar convicto de que foi de grande proveito. “Os Oficiais se empenharam ao máximo para mostrar o melhor dos navios e da Marinha no mar. Pelo que foi apresentado, é de se esperar que os Aspirantes, ao retornarem à Escola Naval, sintam-se convictos e orgulhosos com a opção que fizeram pela carreira naval”, acrescentou 



Aspirantes adestram-se em navegação visual no peloro

Operação “Verão”

Marinha intensifica ações de Inspeção Naval

Por Primeiro Tenente (RM2-T) Alessandra Cintra de Paiva S. M. Barreto
Fotos: Cabo (MO) Bruno Percut e Cabo (ES) Iuri Lordelo Gouveia Caetano





Embarcações da Marinha deslocam-se para realizar ações de Inspeção Naval

Chega o verão e, com ele, aumenta o número de embarcações navegando em todo o litoral brasileiro, principalmente as de esporte e recreio e as de transporte de passageiros.

De dezembro de 2010 a março de 2011, foi realizada a Operação “Verão” 2010/2011, que fiscalizou embarcações em todo o País e contou com a participação de dois mil militares. A segurança

da navegação, a salvaguarda da vida humana no mar e a prevenção da poluição hídrica foram os principais aspectos abordados durante a operação. Dessa forma, foram verificados diversos itens nas ações de

Inspeção Naval, entre eles: habilitação dos condutores; documentação das embarcações; material de salvatagem - como coletes e boias salva-vidas; extintores de incêndio; luzes de navegação; lotação; e estado das embarcações.

Para registrar essas atividades, uma equipe do Centro de Comunicação Social da Marinha acompanhou as ações em Salvador (BA) e Angra dos Reis (RJ). Em Salvador, a Capitania dos Portos da Bahia (CPBA) e as



Organizações Militares subordinadas (Delegacia da Capitania dos Portos em Ilhéus e Agência da Capitania dos Portos em Porto Seguro) intensificaram suas ações de fiscalização e de presença em toda a área de jurisdição. Para a Operação “Verão”, a CPBA também contou com o apoio de navios e de militares do Grupamento de Patrulha Naval do Leste (GptPatNavL) e da Força de Minagem e Varredura (ForMinVar). Ao todo, 130 militares, 14 lanchas e botes e três viaturas.

OPERAÇÃO “VERÃO” EM SALVADOR

Segundo o Capitão dos Portos da Bahia, Capitão-de-Mar-e-Guerra Paulo Fernandes Baltoré, a atividade baseou-se nos pontos focais, principalmente nas embarcações de transporte de passageiros, onde as irregularidades são mais recorrentes. “As principais infrações encontradas foram a falta de habilitação dos condutores e a falta de equipamentos de salvatagem”, declarou. Nesse e em outros casos, a embarcação pode ser apreendida. “Tivemos

“As principais infrações encontradas foram a falta de habilitação dos condutores e a falta de equipamentos de salvatagem”.

Capitão-de-Mar-e-Guerra Paulo Fernandes Baltoré

como exemplo um barco de esporte e recreio que estava exercendo uma atividade de mergulho amador, mas que não tinha a bandeira de sinalização



Embarcações da Delegacia da Capitania dos Portos em Angra dos Reis

de mergulho, o que é um fato grave. Além disso, faltavam alguns documentos. Dessa forma, apreendemos a embarcação para, primeiramente, educar

Nos rios e lagos da Região Centro-Oeste e em parte dos rios dos Estados do Tocantins e do Maranhão, a Operação “Verão” cumpre um calendário diferente, ocorrendo nos meses de agosto a outubro, nas localidades de abrangência do Comando do 6º Distrito Naval (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), e nos meses de junho a agosto na área do Comando do 7º Distrito Naval (Distrito Federal, Goiás, Tocantins e parte do Maranhão). É com a seca nos rios da região que surgem centenas de praias e, conseqüentemente, aumenta-se o número de embarcações navegando.

e, posteriormente, emitir a notificação”, explica.

Nos meses de verão, também foram ampliados os serviços de inscrição de embarcações e habilitação de amadores, entre outros. Na área do Comando do 2º Distrito Naval, a CPBA instalou, na região de Valença e Morro de São Paulo, um posto avançado para atendimento ao público. “As pessoas estão tendo mais consciência da importância de se ter uma embarcação regularizada. O posto trouxe facilidade aos moradores da região. Antigamente, tínhamos que ir de Camamu a Salvador para executar qualquer serviço, o que levava cerca de três horas e meia”, informou o despachante marítimo José Dias da Soledade.

OPERAÇÃO “VERÃO” EM ANGRA DOS REIS

Outro exemplo ocorreu no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, onde a Delegacia da Capitania dos

“Isso ocorre, às vezes, pelo fato do condutor não observar as dicas de segurança no mar”.
Capitão-de-Corveta André Luís de Oliveira Silva

Portos em Angra dos Reis (DeLAReis) também intensificou suas ações de Inspeção Naval nesse verão. Segundo o Delegado, o Capitão-de-Corveta André Luís de Oliveira Silva, a infração mais comum é a falta de itens de salvatagem nas embarcações de esporte e recreio. “Isso ocorre, às vezes, pelo fato do condutor não observar as dicas de segurança no mar. Mas, de uma forma geral, os frequentadores da região de Angra respondem bem às observações da Marinha, que têm o mote de orientar e fiscalizar”.



Antônio Adolfo Campos, que trabalha há 15 anos transportando passageiros da cidade de Angra dos Reis para as ilhas da região, aprova as ações de fiscalização da Marinha. “Para a gente fica bom, porque os ilegais não

trabalham. É importante porque traz segurança para todos, condutores e turistas”, declarou ele, que transporta cerca de 50 passageiros por dia.

“ORIENTAR E EDUCAR, ANTES DE NOTIFICAR”

Segundo dados da Seção de Segurança do Tráfego Aquaviário do Comando de Operações Navais, de 2008 a 2009, houve um aumento de 4% no número total de embarcações de esporte e recreio inscritas nas Organizações Militares da Marinha e um acréscimo de 11% no número de carteiras de arrais-amadores inscritos, no mesmo período.

Com o lema “Orientar e educar, antes de notificar”, a Marinha do Brasil tem constatado uma redução no número de notificações nos últimos anos. “Em 2009, tivemos um decréscimo de notificações e apreensões e o intuito é que, a cada ano, tenhamos mais embarcações dentro da legalidade”, declarou o Comandante do 2º Distrito Naval,

Vice-Almirante Carlos Autran de Oliveira Amaral.

No primeiro mês da Operação “Verão” na Bahia, iniciada em 18 de dezembro de 2010, a CPBA abordou cerca de 1.500 embarcações. Dessas, 300 foram notificadas e 15 apreendidas. “Esse número tem sido reduzido em decorrência das campanhas de conscientização que realizamos, até mesmo porque os condutores da região já conhecem as regras de navegação”, declarou o Capitão dos Portos da Bahia, Capitão-de-Mar-e-Guerra Baltoré.

No Estado, as ações de Inspeção Naval são ampliadas, todos os anos, com a realização da Campanha “Legal no Mar - Navegue com Segurança”, que está em sua 15ª edição. “A campanha consiste em palestras educativas, distribuição de material informativo, além da realização de um mutirão da CPBA, com o apoio de outras Organizações Militares da área, para facilitar a missão de habilitações de condutores e os registros de embarcações”, explica o Almirante Autran.



Militares da Capitania dos Portos da Bahia inspecionam embarcação



O Inspetor Naval da Capitania, Suboficial (RM1-MR) Iraldo Barbosa de Menezes, conta que o trabalho básico é verificar a documentação da tripulação e da embarcação e coibir o excesso de passageiros. “Nessa oportunidade, também divulgamos a Campanha ‘Legal no Mar’ e convidamos os passageiros a assistir uma apresentação de como utilizar os coletes salva-vidas e conhecer a capacidade da embarcação”. Ainda, segundo ele, normalmente, a Inspeção Naval é inopinada mas, na Operação “Verão”, ela é mais recorrente, principalmente nos fins de semana, quando são guarnecidos todos os terminais de passageiros.



OS 10 MANDAMENTOS DA SEGURANÇA NO MAR

1. Faça a manutenção correta da sua embarcação;
2. Tenha a bordo o material de salvatagem prescrito pela Capitania;
3. Respeite a lotação da embarcação e tenha a bordo coletes salva-vidas para todos os tripulantes;
4. Mantenha os extintores de incêndio em bom estado e dentro da validade;
5. Ao sair, informe o seu plano de navegação ao seu iate clube, marina ou condomínio;
6. Conduza sua embarcação com prudência e em velocidade compatível para evitar acidentes;
7. Se beber, passe o timão para alguém habilitado;
8. Mantenha a distância das praias e dos banhistas;
9. Respeite a vida, seja solidário, preste socorro; e
10. Não polua o mar.

No município de Angra dos Reis, a DelAReis inspeciona, semanalmente, mais de 200 embarcações, além da realização de atividades educativas. “Temos um trabalho de parceria com as marinas do município, que são mais de 30, onde ministramos palestras para orientar os condutores de embarcações”, informou o Delegado da Capitania dos Portos, Capitão-de-Corveta André Luís. Angra dos Reis tem, hoje, cerca de 10 mil embarcações inscritas. Dessas, 8.700 são dedicadas às atividades de esporte e recreio 



Haiti – um ano após o terremoto

Equipe de reportagem do Centro de Comunicação Social da Marinha acompanhou o trabalho dos fuzileiros navais no país, no período de 17 a 21 de janeiro de 2011

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Juliana Amaral Rodrigues
Fotos: Cabo (MR) Edilton Adamor Caramurú e Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais no Haiti

Tensões políticas, indefinições e carências insistem em atormentar o povo haitiano, mas uma certeza permanece: a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) continua a apoiar o país.

Um ano após o terremoto que devastou o Haiti, ocorrido no dia 12 de janeiro de 2010, 300 fuzileiros navais da Marinha do Brasil seguem fieis ao compromisso assumido com a Organização das

Nações Unidas (ONU), no ano de 2004, de pacificar e manter a estabilidade e a segurança da região.

“Nós, fuzileiros navais, viemos para o Haiti muito bem preparados. Os desafios que enfrentamos depois da

Capitão-Tenente (FN) Fabrício Guarino Barroso, componente da missão brasileira. Segundo ele, antes da entrada das tropas na região, existia um alto índice de furto e violência. “A população sentia muito medo e se trancava em casa. Hoje em dia, a gente já vê um número maior de pessoas nas ruas, crianças brincando, inclusive no período noturno”, constata.

“Nós, fuzileiros navais, viemos para o Haiti muito bem preparados. Os desafios que enfrentamos depois da tragédia foram superados com esforço dobrado e determinação”.
Comandante GptOpFuzNav-Haiti
Capitão-de-Fragata (FN)
Adriano Lauro



Fuzileiros navais em ação de patrulhamento

tragédia foram superados com esforço dobrado e determinação”, ressaltou o Comandante do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais no Haiti (GptOpFuzNav-Haiti), Capitão-de-Fragata (FN) Adriano Lauro. Cerca de 350 mil pessoas morreram e quase um milhão perderam suas casas. Praças e campos poliesportivos da capital, Porto Príncipe, transformaram-se em imensos campos de desabrigados, onde vivem mais de 800 mil pessoas.

Nos primeiros seis meses de 2010, os acampamentos de haitianos foram assistidos por Organizações Não Governamentais (ONG) de todo o mundo. A partir de julho, os militares da MINUSTAH tornaram-se responsáveis pela segurança de 120 campos. “Cerca de 30 fuzileiros navais patrulham, diariamente, a área de Jean Marie Vincent, maior campo de desabrigados de Porto Príncipe. Aqui vivem 40 mil pessoas”, registrou o

Viaturas blindadas conhecidas como “Piranha”, além de serem empregadas nos patrulhamentos, servem para conter manifestações populares para a proteção dos militares. Foi o que aconteceu em 28 de novembro de 2010, data do 1º turno das eleições presidenciais. “Um Sargento do meu pelotão avistou a queima de pneus na rua e me comunicou. Imediatamente, enviamos reforço aos nossos três postos de serviço e tudo foi controlado”, lembrou o Comandante de Pelotão, Segundo-Tenente (FN) Rafael Aragão Pereira, afirmando que a manobra aconteceu em apenas 10 minutos.



Outra difícil tarefa dos fuzileiros durante as eleições foi organizar a logística de transporte das urnas até a Ilha de La Gonâve e fazer a segurança da população. “Como a localidade não possuía a mesma infraestrutura da capital, todos os recursos materiais necessários tiveram que ser transportados por helicópteros e balsas”, recordou o Comandante do GptOpFuzNav-Haiti, Capitão-de-Fragata (FN) Adriano Lauro. Graças a essa ação, 60 mil eleitores puderam votar.

“NOU TOUT ANSANM”

“Todos nós juntos” ou “*Nou Tout Ansanm*”, no dialeto creole, foi o lema escolhido pelos militares brasileiros no Haiti, como um novo modelo de Ação Cívico-Social (ACISO). A ideia é não só ajudar a população, mas envolver os próprios haitianos na execução do projeto.

“Primeiro, organizamos uma reunião com os líderes comunitários da área onde a ACISO irá acontecer”, explica o Oficial de Assuntos Cívicos do GptOpFuzNav-Haiti, Capitão-Tenente (FN) Alexandre de Menezes Villarmosa. Nessa ocasião, são definidos os itens a serem doados e quais atividades sociais e recreativas serão promovidas.

“Os haitianos nos fornecem uma relação de animadores infantis, barbeiros, músicos e enfermeiros da própria comunidade”, detalha o Oficial. A etapa seguinte é ensinar noções de higiene no preparo de alimentos, prevenção à cólera e higiene bucal, para que a equipe repasse tal conhecimento às 550 famílias beneficiadas pela ação.

No dia do evento, que acontece uma vez por mês, cerca de 50 civis voluntários se unem aos militares na expectativa de fazer o bem. Durante quatro horas, a animação da música e a dança vibrante do país contagiam a todos. Enquanto brindes e cestas básicas são distribuídos ao povo, aulas de higiene bucal, doação de escovas e pastas de dente acontecem em

paralelo. Mas, segundo os organizadores do evento, os haitianos são muito vaidosos: a barraca de corte de cabelo é sempre a mais procurada pela comunidade.

UM POUCO DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E CULTURA

O compromisso do Brasil e da Marinha com o Haiti vai além de manter a estabilidade, a segurança do país e auxiliar em sua reconstrução. Na atual conjuntura, o envolvimento social com a população, desenvolvendo ações comunitárias, tornou-se uma prática habitual.

Em frente ao portão de uma casa, ainda com reboco, no bairro de Cité Militaire, em Porto Príncipe, era



Fuzileiro naval ensina flauta às crianças haitianas durante projeto social

“Há cinco anos, conheci os fuzileiros navais e passei a frequentar as aulas de português e informática”.
Robson Deusson



Ação Social realizada por militares da Marinha do Brasil no Haiti

possível ouvir uma canção em francês que dizia, “Que bom que vocês estão aqui! Sejam bem vindos! Nós agradecemos a sua presença”. Essa foi a forma com que as crianças do orfanato, apoiado pelos fuzileiros navais, receberam nossa equipe. “Há anos ajudamos a família da senhora Belizè”, declarou a Capitão-de-Corveta (Md)

Daniela Nogueira. A médica conta que os militares auxiliam os 20 órfãos com alimentos, remédios e atendimento médico. Emocionada, Belizè agradece: “Sem vocês não conseguiríamos prover sustento, segurança, nem tão pouco saúde a essas crianças”.

As atividades sociais realizadas nos acampamentos e em bairros carentes

da capital vão da educação à saúde, passando pelo esporte e cultura. As aulas de português, por exemplo, transformam jovens, antes sem perspectiva, em intérpretes, fato relevante em um país cujo índice de desemprego chega a 80% (dados da ONU). “Há cinco anos, conheci os fuzileiros navais e passei a frequentar as aulas de português e informática”, contou o agora tradutor Robson Deusson, de 20 anos. “Tive a oportunidade de viajar e conhecer outros países a trabalho e, hoje, estou na faculdade, estudando informática”, orgulha-se o jovem. A mudança de vida gerou em Robson o desejo de ajudar seu povo. Além de tradutor, ele virou professor de português para adultos e crianças da sua comunidade.

QUINTA-FEIRA É DIA DE CINEMA

Quinta-feira é um dia diferente para alguns haitianos! É o dia em que os sonhos podem se tornar realidade. Pelo



Fuzileiros navais em ação no Haiti



“Eu posso até dizer, como observador externo das Forças Armadas, que elas são muito admiradas por vários governos internacionais”.

Embaixador brasileiro no Haiti, Igor Kipman

esclarece aos colegas estrangeiros a verdadeira razão da empatia entre os povos: “Isso é da índole do brasileiro. O brasileiro tem facilidade em se relacionar”.

MISSÃO CUMPRIDA

Em fevereiro desse ano, o 13º Contingente de Fuzileiros Navais encerrou sua missão no Haiti e retornou ao País, sendo substituído por uma nova tropa da Marinha do Brasil. Ao final da missão, o Comandante do GptOpFuzNav-Haiti concluiu - “Passamos por um crescimento pessoal e profissional ímpar. Creio que nossas famílias serão beneficiadas, como também a Força que, com certeza, passa a ter melhores profissionais” ⚓

menos na imaginação de dezenas de crianças, moradoras da Rua Magnólia, no bairro de Pelè, que aguardam, ansiosamente, as tradicionais exposições de filmes infantis promovidas pelos militares. As sessões de cinema tornaram-se um importante evento cultural na região.

Uma hora antes do início da sessão, a fila no portão de entrada do Ponto Forte (base avançada dos fuzileiros navais localizada em local central da cidade, próximo à comunidade) já é longa. Aos poucos, as quase 100 crianças, muito bem arrumadas, vão entrando e se acomodando, cheias de expectativa. Enquanto os lanches são distribuídos, um líder comunitário e um militar assumem o papel de mestres de cerimônia, em mais uma noite especial e inesquecível.

O CARISMA QUE CONQUISTA

O Embaixador Brasileiro no Haiti, Igor Kipman, afirmou que as Forças Armadas Brasileiras são muito bem vistas pela população haitiana,

governo, ONG e organismos internacionais. “Eu posso até dizer, como observador externo das Forças Armadas, que elas são muito admiradas por vários governos internacionais. Eles não conseguem entender porque os brasileiros são tão próximos do povo haitiano”. Bem-humorado, o Embaixador revelou que sempre



Ação de patrulhamento realizada por fuzileiros navais

Realizado no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN) - Organização Militar da Marinha do Brasil -, no período de 22 a 24 de fevereiro de 2011, o 1º Torneio Internacional de Pentatlo Naval confirmou o que todos esperavam, principalmente o Diretor do CEFAN, Contra-Almirante (FN) Fernando Cesar da Silva Motta. Hoje, o Brasil possui uma das melhores instalações esportivas de Pentatlo Naval do mundo. E essa constatação também foi confirmada pelos atletas que competiram. É o caso, por exemplo, dos pentacampeões mundiais, Tenente Sami Sorri, considerado o “Pelé” do Pentatlo Naval e a Sargento Pyyhtia Sassi, ambos da Marinha finlandesa.

Instalações aprovadas

1º Torneio Internacional de Pentatlo Naval confirma que as instalações do CEFAN para a modalidade estão entre as melhores do mundo

Por Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme
Fotos: Segundo-Sargento (RM1-FN-IF) Vicente Paulo de Carvalho



inaugurada para a competição, a pista de obstáculos é a que mais impressionou, revestida com o piso esportivo “mondo”, o mesmo utilizado nas principais pistas credenciadas pela Federação Internacional de Atletismo. Com isso, o CEFAN credenciou-se a sediar competições de nível internacional. É o mesmo piso da



pista de atletismo, por exemplo, do Estádio Olímpico João Havelange, o “Engenhão”, que também recebe competições internacionais de atletismo.

“A pista é, com certeza, a melhor do mundo. Estou envolvido no Pentatlo Naval desde 1981. Já viajei muito e posso afirmar que é, sim, a melhor”. As palavras são do técnico da equipe brasileira, Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1) Cyro Carlos Dias Coelho. Os elogios, no entanto, não são somente para a pista de obstáculos, mas sim para toda a estrutura esportiva do CEFAN. Em breve, será inaugurada a piscina olímpica, que passou por reformas. “Além da pista de obstáculos e das piscinas, de nível internacional, temos bastante espaço para as competições de corrida e remo”. Durante os 5º Jogos Mundiais Militares, que ocorrerão no mês de julho, na cidade do Rio de Janeiro, o CEFAN sediará as competições de Pentatlo Naval e Taekwondo.

POR DENTRO DO PENTATLO NAVAL

A modalidade foi criada em 1949, quando a Marinha italiana, preocupada com a aptidão física de seus marinheiros, estabeleceu um programa de treinamento que culminou em uma competição com cinco provas de técnica naval, realizada em 1951. Atualmente, são disputadas as provas de pista de obstáculos, natação de salvamento, natação utilitária, habilidade naval e cross-country anfíbio.

No Brasil, o esporte começou a ser praticado em 1963, quando o Contra-Almirante (RM1) Heitor Alves Barreira Junior, presente ao

“Treino de segunda à sábado, de manhã e à tarde. É muito esforço mesmo, mas vale a pena”.
Cabo (FN-IF) Alex Barreto

torneio realizado no CEFAN, compareceu a uma competição na Suécia. Era a 9ª competição entre países. Na volta, trouxe farta documentação e detalhes sobre o esporte. Segundo ele, em seis meses, a Marinha do Brasil já tinha pessoal convocado para treinamento. “No início, achavam muito complicado (os atletas), mas a coisa foi fluindo. A maior dificuldade foi conseguir os obstáculos e os locais de competição. Em 1964, já tínhamos um equipe pronta. Fomos competir pela primeira vez em 1965, na Noruega. Na ocasião, nos saímos razoavelmente bem, com muitas zebras. No ano seguinte, começamos a competir normalmente”, recorda.

Atleta brasileira durante a prova de pista de obstáculos





Natação Utilitária

AS PROVAS DO PENTATLO NAVAL

Na pista de obstáculos, são percorridos 305 metros (masculino) e 280 metros (feminino), em que são simuladas diversas situações do dia a dia do marinheiro e do combatente anfíbio.

Na natação de salvamento, é simulado um salvamento aquático, no qual o atleta nada 50 metros e resgata um boneco de 1,5 kg, a 3 metros de profundidade.

Na natação utilitária, os pentatletas nadam 125 metros, em 6 etapas: saída em mergulho na piscina; transporte do fuzil; passagem sob a rede; passagem sobre um tonel; trabalho submerso; e natação de velocidade, finalizando a prova.

RIO 2011
5º JOGOS MUNDIAIS
MILITARES DO CISM



Na habilidade naval, o atleta parte sobre um flutuante, realizando diversas atividades marinheiras.

Por último, o cross-country anfíbio é composto por corrida de 2.500 metros, intercalada com tiro de rifle calibre 22 a uma distância de 50 metros, remada em bote pneumático e lançamento de granada ao nível do mar.

Para quem acompanhou de perto o torneio, não foi difícil perceber que se trata de uma competição que exige muito dos atletas. “A maior dificuldade é a diferença entre as provas. Você tem água, terra, remo, ... então, a adaptação exige muita disciplina, muito esforço e muita força de vontade. A rotina de treinamento é bem pesada, nosso técnico exige muito. Todos os atletas sentem muito a competição e os treinamentos”, explica o Primeiro-Sargento (FN-MO) Carlos Lourenço. “Treino de segunda à sábado, de manhã e à tarde. É muito esforço mesmo, mas vale a pena. Os resultados estão aí”, constata o Cabo (FN-IF) Alex Barreto, melhor classificado entre os brasileiros, que conquistou o segundo lugar individual no masculino.

RESULTADOS POSITIVOS

A presença de diversos brasileiros no pódio marcou a cerimônia de encerramento do torneio. A equipe masculina do Brasil conquistou o primeiro lugar, com destaque para o Cabo (FN-IF) Alex Barreto, que ficou na segunda colocação, e para o Cabo (AM) Vinicius Moraes, que ficou em terceiro no individual.

“Estou satisfeita, consegui subir ao pódio competindo com as melhores do mundo. Para a primeira competição do ano está muito bom. Estamos nos preparando muito para os Jogos Mundiais Militares”.
Marinheira Simone Lima



“Foram três dias de competição, tudo correu bem. As instalações foram testadas, faltando apenas inaugurar a piscina olímpica e o ginásio poliesportivo”.

Contra-Almirante (FN) Fernando

O grande vencedor no masculino foi o atleta sueco Marcus Danielson. No feminino, a equipe do Brasil conquistou o segundo lugar. A Marinheira (RM2-EP) Simone Lima ficou em terceiro na classificação geral individual. A primeira colocada foi Pyyhtia Sassi, da Finlândia, e a segunda, a atleta Caroline Buunk, da Noruega.

Para a Marinheira Simone Lima, o resultado foi satisfatório. “Estou satisfeita, consegui subir ao pódio competindo com as melhores do mundo. Para a primeira competição do ano está muito bom. Estamos nos preparando muito para os Jogos Mundiais Militares”. O Cabo Alex



Ao centro, o Almirante Heitor Alves Barreira Junior com a equipe da Marinha do Brasil

Barreto tem o mesmo pensamento. “Meu resultado é excelente. Se Deus quiser, em julho, seremos campeões mundiais”, afirma.

O Comandante Coelho, treinador da equipe, também gostou dos resultados. “Ainda não estamos no ápice, mas mostramos que estamos em boas condições, afinal, ganhamos por equipe. Voltamos em julho para os Jogos e, aí sim, estaremos em outra fase de preparação física. Estou muito feliz com a equipe”.

Em relação ao sucesso do evento, o Contra-Almirante (FN) Fernando fez um balanço positivo. “Foram três dias de competição, tudo correu bem. Tecnicamente, nosso resultado foi muito bom. As instalações foram testadas, faltando apenas inaugurar a piscina olímpica e o ginásio poliesportivo”. Para os Jogos, a expectativa é muito grande. “Estamos bastante motivados. Vamos receber os públicos interno e externo da melhor maneira e com o melhor apoio possível. Tenho certeza de que todos gostarão”, complementa 



Marinheira Simone Lima e Cabo Alex Barreto posam com as suas medalhas conquistadas na competição

Gente de Bordo

A Marinha do Brasil tem a primeira Oficial paraquedista militar. A Capitão-de-Corveta (Md) Fátima Teresinha Luz Vieira, do Centro de Instrução e Adestramento Almirante Áttila Monteiro Aché (CIAMA), formou-se no dia 25 de fevereiro de 2011, em cerimônia militar realizada no Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil, Organização Militar do Exército Brasileiro.

A Capitão-de-Corveta (Md) Fátima também possui o Curso Especial de Medicina de Submarino e Escafandria para Oficiais (MEDSEK), além de ampla experiência

operativa, em virtude do apoio às atividades de submarinistas, mergulhadores e mergulhadores de combate, no âmbito do Comando da Força de Submarinos.

A qualificação obtida permitirá o acompanhamento completo dos Cursos de Operações Especiais ministrados pelo CIAMA, uma vez que, anteriormente, a fase de saltos dependia do apoio de médicos paraquedistas de outras Organizações Militares.

Como entrou para a Marinha?

Cursei a Faculdade de Medicina na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, me formei



Capitão-de-Corveta (Md) Fátima Teresinha Luz Vieira

em dezembro de 1997 e ingressei na Marinha em janeiro de 1998, como RM-2 (temporária). Fiz concurso para o Corpo de Saúde da Marinha, no mesmo ano, e me apresentei no Centro de Instrução Almirante Wandenkolk, em março de 1999.

Sempre quis ser médica? E militar?

Sempre quis ser médica, mas pelo fato de haver muitos militares na minha família ... pai, tio, avôs e primos da Brigada Militar no Rio Grande do



Comandante Fátima preparando-se para o salto

Sul (RS), sempre tive muita afinidade pela vida militar.

Encontrou dificuldades no início da carreira? E como iniciou as atividades operativas?

Não encontrei dificuldades. A minha afinidade pela atividade operativa foi despertada no meu contato com os fuzileiros navais, durante o ano em que servi no Batalhão Logístico, onde participei de várias manobras como Comandante da Companhia de Saúde.

Que outros cursos possui?

Cursei a especialização em cirurgia cardíaca no Hospital Naval Marcílio Dias, no Rio de Janeiro. Foram 4 anos, sendo um ano na clínica de cirurgia geral. Fiz pós-graduação em cardiologia no Instituto de Pós-graduação Médica do Rio de Janeiro e cursei o MEDSEK no CIAMA. Ainda possuo título de especialista em cardiologia pela Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Quais as principais dificuldades encontradas durante o curso de paraquedista?

A dificuldade maior é física, uma vez que o treinamento é bastante intenso. As primeiras semanas foram as mais difíceis. Porém, o psicológico fez toda a diferença. Eu estava focada no objetivo de concluir o curso.

O que faz um MEDSEK?

O MEDSEK me habilita a apoiar atividade de mergulho e submarinos e a atuar nos casos de complicações decorrentes. Além disso, juntamente com a equipe de enfermagem da Divisão de Medicina Submarina, participo das atividades práticas dos diversos cursos ministrados no CIAMA e atuo como instrutora, ministrando aulas referentes à Medicina do Mergulho.



Formatura da turma de paraquedistas

Quais as dificuldades?

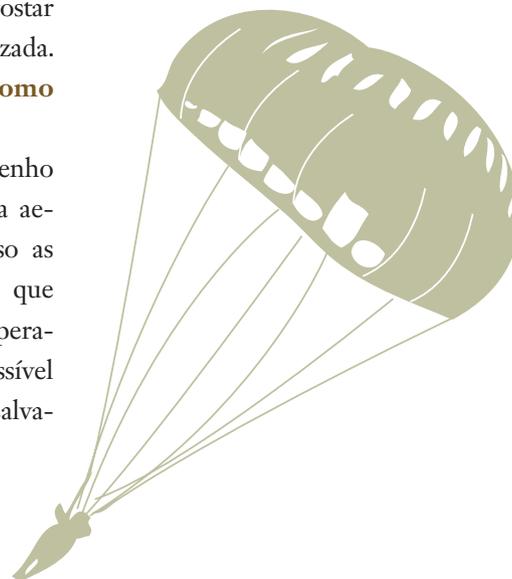
O mais difícil são os longos períodos fora de casa, uma vez que apoio as atividades práticas dos cursos, que ocorrem fora do CIAMA. Mas o excelente clima de trabalho, o profissionalismo da equipe de mergulho e o fato de gostar muito do que faço dão uma amenizada.

Por que se formar como paraquedista?

Agora, como paraquedista, tenho condições de ser lançada de uma aeronave para prestar socorro, caso as circunstâncias exijam, uma vez que acompanho as atividades de Operações Especiais. Além disso, já é possível sonhar em formar um grupo de salvamento e socorro.

Tem algum hobby?

Praticar “agility” com meu cachorro ... é uma atividade com pista de obstáculos. Também gosto de ler, correr na praia e viajar.

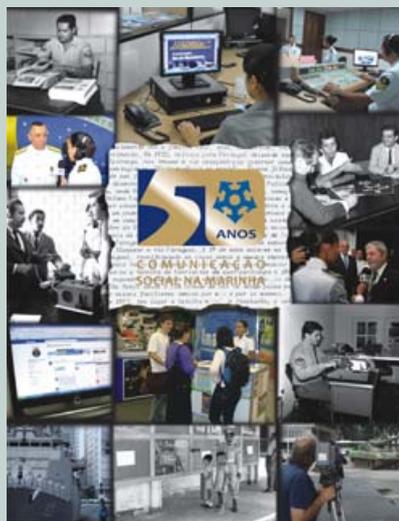


50 anos da Comunicação Social na Marinha

Entrevista com o Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha, Contra-Almirante Paulo Mauricio Farias Alves



Para registrar as diversas atividades desenvolvidas durante essa trajetória, foi lançado o livro “50 Anos da Comunicação Social na Marinha”, convidando-nos a visitar a memória institucional, sob o enfoque dessa área de atuação.



Capa do Livro

Da criação do Serviço de Relações Públicas da Marinha (SRPM), em 5 de abril de 1961, à recém-lançada Rádio Marinha, o livro enumera diversos produtos, serviços e campanhas elaboradas ao longo desse quinquentenário. Em 30 de maio de 2006, o SRPM teve a sua denominação alterada para Centro

de Comunicação Social da Marinha (CCSM) e, em 23 de novembro de 2009, o cargo de Diretor do CCSM passou de Capitão-de-Mar-e-Guerra para Contra-Almirante.

Nesse período, destacam-se o informativo NoMar; a Operação “Cisne Branco”; os filmetes; as campanhas institucionais; a divulgação do conceito “Amazônia Azul”; as páginas da Marinha na internet e intranet; os periódicos “Âncora Social” e “Marinha em Revista”; a TV Marinha na Web; o sítio de notícias “NoMar online”; a “Rádio Marinha”; e a participação nas Redes Sociais.

Dessa forma, nessa data tão significativa para a Comunicação Social, a Marinha em Revista conversa com o atual Diretor do CCSM, Contra-Almirante Paulo Mauricio Farias Alves.

O livro busca resgatar a história da Comunicação Social na Marinha, apresentando os principais fatos históricos da Força. Fale um pouco sobre o livro.

50 anos é uma data marcante. A ideia do livro é aprendermos com o passado para compreendermos o papel das transformações por que passam os veículos de comunicação e a nossa

Marinha, para, a partir daí, alcançarmos novos patamares na divulgação das atividades da Força.

Para a elaboração do conteúdo, fizemos um trabalho de pesquisa documental, incluindo um extenso acervo fotográfico e relatos fornecidos por ex-diretores do antigo SRPM e do CCSM, bem como a participação daqueles que labutaram ou atuaram nessa área. O livro serve de acervo histórico e cultural, bem como fonte de inspiração para as futuras singraduras da Comunicação Social na Marinha.

Na opinião do senhor, qual a importância da Comunicação Social para a Marinha do Brasil?

É de fundamental importância. A Comunicação Social na Marinha, sob o enfoque estratégico, busca, de forma contínua, dinâmica e sustentada, difundir nossas atividades, valores e rica tradição, tanto para o público interno, de modo a fortalecer suas convicções e auto-estima, quanto para o público externo, para que possa melhor conhecer a Marinha.

Apesar do lançamento de novos produtos e serviços, o NoMar se mantém como um dos mais importantes instrumentos de comunicação da Instituição. Após todo esse

tempo, como explicar a manutenção do status do NoMar?

Isso demonstra a força do periódico. O fato é que ele faz um registro histórico de todas as atividades da Marinha do Brasil. Ao longo dos anos, o NoMar produziu um acervo respeitável, que foi, por exemplo, fonte inquestionável de consulta para a publicação do livro. Posso afirmar que o conteúdo de suas páginas baliza a construção simbólica da imagem da Instituição.



Edições do NoMar

Fale um pouco sobre a recém-lançada Rádio Marinha, em fevereiro deste ano.

O rádio continua tendo um grande poder de penetração. Atualmente, estamos com transmissão em frequência modulada nas cidades de São Pedro da Aldeia (RJ) –99,1 MHz e Corumbá (MS) – 105,9 MHz e, também, pela internet e intranet.

É o início de um projeto mais abrangente, que prevê a radiodifusão em outras regiões do País. Os ouvintes têm acesso a uma programação educativa, músicas de qualidade, notícias de interesse para a população, mensagens institucionais e informações sobre as atividades das Forças Armadas.

Como é o relacionamento da Marinha com a Imprensa?

O melhor possível. O CCSM possui uma Assessoria de Imprensa preparada para responder as solicitações da Imprensa, 24 horas por dia. O mesmo acontece nos nove Distritos Navais e em diversas Organizações Militares distribuídas por todo o Brasil. Sabemos que é por meio da Imprensa que alcançamos uma parcela maior da sociedade na divulgação de nossas atividades.

Em 2010, o CCSM realizou uma pesquisa de Opinião Pública para identificar a percepção da população brasileira em relação à imagem da Instituição. Quais os resultados?

Foram ouvidas 2017 pessoas, em 123 municípios de todas as Unidades da Federação. A pesquisa mostrou que 80,9% dos brasileiros confiam na Marinha do Brasil e que a atuação da Força foi considerada positiva por 82,8% dos entrevistados.

Consideramos esses índices expressivos, o que nos motiva ainda mais.

Além do Navio-Veleiro “Cisne Branco”, todos os navios da Marinha são importantes instrumentos de divulgação da Instituição, assim como as Bandas Marcial e Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais. Qual a importância deles para a Comunicação Social?

Sabemos que todos ficam curiosos para saber como funcionam os navios. Assim, todos os meios navais da Marinha do Brasil agem como canal de divulgação da Instituição e da mentalidades marítima. Sempre que possível, os navios atracados em portos ficam abertos à visitação pública.

As Bandas Marcial e Sinfônica funcionam como instrumentos de divulgação da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais, com suas apresentações no Brasil e no exterior 



Estúdio da Rádio Marinha em Brasília



Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto – Comandante da Marinha

Para muitos brasileiros, os rios que formam nossas gigantescas bacias fluviais nada mais são do que linhas em um mapa ou nomes que aprenderam na escola. Mas para nós, da Marinha do Brasil, eles são prioridade. Nossos navios singram as águas das principais artérias das bacias Amazônica e do Rio Paraguai, provendo a defesa territorial e o apoio às populações ribeirinhas.

Foi num afluente do Rio Paraná, o Riachuelo, que nossos antepassados fizeram história ao combater na maior batalha naval do continente. E é, também, nos rios que os marinheiros de hoje lutam contra inimigos igualmente ferozes: a pobreza e a doença.

Tripulado por homens e mulheres, cuja missão é levar o alento e o progresso à Região Amazônica e do Pantanal, os Navios de Assistência Hospitalar (NAsH) dividem-se em comissões anuais que cobrem milhares de milhas náuticas, visitando pequenas vilas e aldeias, nas quais, muitas vezes, não há médicos, dentistas ou agentes de saúde. Além desses, todas as unidades da Força que operam no ambiente fluvial participam de atividades assistenciais às comunidades

mais carentes, conhecidas como ACISO (Ações Cívico-Sociais).

No final do ano passado, os NAsH “Oswaldo Cruz”, “Carlos Chagas” e “Doutor Montenegro” receberam a companhia do NAsH “Soares de Meirelles”, adquirido em parceria com o Ministério da Saúde, para também atuar na Região Amazônica. Antes de iniciar suas comissões, ele passa por um processo de adaptação ao serviço naval e às atividades de assistência médico-hospitalar, por não ter sido projetado para ser um navio-hospital. Foi denominado NAsH “Soares de Meirelles” em homenagem a Joaquim Cândido Xavier Soares de Meirelles, Cirurgião-Mor da Armada e Patrono do Corpo de Saúde da Marinha. No Pantanal, a Marinha atua com o NAsH “Tenente Maximiano”.

O processo de aquisição do novo navio partiu de uma necessidade premente, identificada pelo Plano de Articulação e Equipamento da Marinha (PAEMB), de aumentar a quantidade de NAsH de três para cinco na Amazônia. O propósito é ampliar, de forma quantitativa e qualitativa, a capacidade de prover atendimento médico e odontológico

às populações, em parceria com o Ministério da Saúde; Secretarias Estaduais de Saúde dos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima e Rondônia; e Secretarias Municipais de Saúde. Com tripulação composta por 44 militares, o NAsH “Soares de Meirelles” ficará diretamente subordinado ao Comando da Flotilha do Amazonas, em Manaus (AM), e contribuirá, também, para a realização de atividades de Defesa Civil (assistências humanitárias e catástrofes naturais).

Trata-se de um trabalho silencioso que muito nos orgulha, no qual abnegadas tripulações se empenham, diuturnamente, para levar conforto a uma parcela da população. O que mais nos entusiasma e a qualquer visitante que acompanha uma dessas comissões é o olhar de alívio e de agradecimento daqueles brasileiros simples e necessitados, cujas vidas foram, de alguma forma, melhoradas.

Naqueles locais distantes, a Marinha, com seus “Navios da Esperança”, representa a presença do Estado brasileiro. Para os ribeirinhos, cada uma dessas unidades, que surge na curva do rio, significa a certeza de apoio e ajuda 

Conjuntos Arquivísticos nominados na UNESCO

Por Vice-Almirante Armando de Senna Bittencourt

Dois conjuntos de documentos da Marinha foram nominados para o Registro Nacional da Memória do Mundo (MOW, na sigla em inglês), da UNESCO, no final de 2010, “Arquivo Tamandaré: uma janela para o Estado Imperial Brasileiro”, indicado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM); e “Abrindo Estradas no Mar: folhas de bordo e relatórios de levantamento hidrográfico da DHN”, indicado pela Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha.

O “Arquivo Tamandaré” contém a correspondência passiva do Almirante Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré - Patrono da Marinha, sendo uma importante fonte para a História do Brasil. Tamandaré foi uma das pessoas de destaque que, durante um período fundamental para a formação do País, participou da maioria dos acontecimentos que garantiram,

no século XIX, a unidade do território nacional e sua soberania. Esse conjunto, que está sob a guarda da DPHDM, foi publicado em 2007, ano em que se comemorou o centenário do Patrono da Marinha, e possui um catálogo que facilita o trabalho de pesquisadores.

O conjunto documental apresentado pela DHN é o levantamento cartográfico da costa, que possibilita

navegar com segurança no Brasil. As cartas náuticas, geradas a partir dos levantamentos hidrográficos da DHN, servem como referência para a confecção das cartas da costa brasileira produzidas por todos os outros países. Eles não vêm aqui fazer seus levantamentos, simplesmente confiam nelas.

A MOW registra conjuntos notáveis do patrimônio documental, à semelhança da “Lista do Patrimônio

Mundial”, também da UNESCO, mais conhecida por nominar cidades e monumentos como “Patrimônio da Humanidade”. Os conjuntos de interesse podem ser: textuais (manuscritos ou impressos); audiovisuais (filmes, vídeos ou arquivos sonoros); iconográficos (fotografias, gravuras ou desenhos); ou cartográficos; tanto em suporte convencional quanto digital, abrangendo toda a história da humanidade.

O programa reconhece patrimônios documentais de significado internacional, regional e nacional. Para o Brasil, existe um Comitê Nacional da MOW, criado por Portaria do Ministério de Estado da Cultura, composto por um máximo de 17 membros, com representantes dos principais setores nacionais referentes a arquivos ou interessados neles. Todos os anos, esse Comitê vem publicando editais que estabelecem as regras para a

candidatura de acervos de documentos à nomeação brasileira da MOW.

Anualmente, é nominado um máximo de 10 conjuntos. Este ano, somente 8 foram aprovados. Destacam-se entre os critérios de avaliação:

- » A autenticidade, que significa que sua fidedignidade e procedência são atestáveis;
- » A unicidade e singularidade - o fato de ser único e insubstituível, ou seja, algo cuja deterioração ou desaparecimento constituiria uma perda para o patrimônio da humanidade;
- » A relevância para a história, cultura e sociedade, levando-se em conta as pessoas ou atores envolvidos em sua geração, assuntos, temas tratados, forma e estilo;
- » A organicidade do conjunto documental de natureza arquivística, que deve respeitar os limites do fundo ou coleção a que se

refere, de maneira que sua formação orgânica e integridade sejam identificáveis;

- » A acessibilidade ao público, ressalvadas as limitações necessárias a sua preservação e segurança; e
- » A integridade do documento ou conjunto documental, de natureza arquivística ou bibliográfica.

Os acervos já constantes do Registro Nacional são de grande relevância para o patrimônio histórico e artístico brasileiro. Não existe prêmio, além do certificado de nomeação, que é confirmada em Portaria do Ministro da Cultura e publicada no Diário Oficial. Mesmo sem prêmio, o destaque sinalizado pela nomeação facilita a aprovação de projetos, apresentados a possíveis patrocinadores, para melhorar as condições de preservação e salvaguarda ou para possibilitar a divulgação 



Comandante da Marinha (ao centro) recebe certificado da UNESCO



www.mar.mil.br
Venha navegar com a Marinha na Internet

Marinha do Brasil nas redes sociais

facebook

flickr™

You Tube
Broadcast Yourself™

twitter



Centro de Comunicação Social da Marinha



Centro de Comunicação Social da Marinha
www.mar.mil.br